

#Crónica

Professor Universitário

O Bom, o Mau e o Chega - Retrospectiva de 2019



Sérgio Tenreiro Tomás
Docente da ESTG-IPP

Concluído mais um ano civil cumpre, em jeito de retrospectiva, analisar o panorama político português com especial destaque às Legislativas, nas quais verificou-se a consagração de um PS não tão forte como as sondagens faziam prever, um PSD com uma queda não tão grande como era expectável, o Bloco de Esquerda manteve o número de deputados, a CDU a dar um considerável tombo, o CDS a definhar e o PAN a não crescer tanto como ambicionava (existiram sondagens que chegaram a vaticinar mais 50% de deputados dos que realmente veio a ter). Relativamente ao partido de governo, o povo português revelou sensatez, não dando maioria absoluta aos socialistas, nem possibilidade de “cozinhar” consensos com um partido mais mole que preza estar em cima do muro em imensas matérias relevantes para a vida dos portugueses, como o PAN tem vindo a manifestar, antes terá de se esforçar para alcançar acordos com os sempre difíceis BE ou CDU, dentro de um cenário onde já não existe uma geringonça formalmente constituída.

Todavia, a grande novidade de 2019 foi o abrir das portas a novas forças partidárias, dando uma maior heterogeneidade ao nosso Parlamento, trazendo diferentes propostas políticas e aumentando os níveis de vigilância sobre o poder legislativo e executivo. De um lado, tivemos um reforço da Esquerda com a entrada em cena do Livre (supostamente, o Bom), sobre o qual haveria tanto a dizer que daria para redigir um compêndio de como um pequeno partido não se deve comportar politicamente: desde o homem de saia, cuja indumentária não foi por gosto pessoal, mas mero intuito de chocar os mais conservadores, tal miúdo que usa um piercing no recreio da escola às escondidas dos pais, enquanto ouve o seu reggaeton, para dizer ao mundo que é rebelde, ao injustificável atraso na apresentação do projeto sobre a lei da nacionalidade (uma das suas bandeiras) e à falta de solidariedade com o próprio aparelho partidário (cujo amor apregoado em matéria salarial não foi suficiente para Joacine pedir desculpas, a quem de direito, pela desobediência na disciplina de voto sobre a matéria da Palestina). Por outro lado, a entrada da Direita, ideologicamente e

assertivamente falando, no órgão máximo legislativo com a eleição de dois deputados dos partidos Chega e Iniciativa Liberal. Se deste último (o Mau) não há muitas considerações a tecer, face ao estranho sonambulismo com que iniciou a atividade parlamentar (quicá um novo CDS, mas com menos gosto pelas touradas), e o pior que pode acontecer a um novo partido é ninguém saber o que anda ali a fazer, o Chega tem estado energeticamente em palco.

Se os propagandistas, supostamente democratas, gostam de rotular André Ventura de extrema direita, parecem igualmente apreciar um desconhecimento absurdo sobre os conceitos mais basilares da ciência política, olvidando ainda que o referido partido foi constituído após escrutínio favorável do Tribunal Constitucional o qual, enquanto guardião da nossa Constituição, não permitiria o reconhecimento de partidos da ala mais radical da Direita, porquanto esta é proibida por aquela.

Portanto, o que esperar do ano de 2020?

Será recheado de esgrimires políticos em plena Assembleia da República com um PS, nos bastidores, a equilibrar pratos, tal artista de circo, para agradar ao eleitorado do Centro e às cores políticas de Esquerda, a qual, com a sua natural ferocidade venderá títulos de jornais a fazer lembrar o Brasil de Lula ou a Venezuela de Maduro, ao mesmo tempo que mandará reunir sindicatos para convocarem greves sempre que dai puder retirar algum aproveitamento político.

O PSD, como principal partido da oposição, tentará tocar muito bombo (leia-se, fazer verdadeira oposição) já que é a única via que resta a Rui Rio, ou ao futuro líder, para não esticar, mais tarde ou mais cedo, o pernil.

Quanto ao cidadão comum, esse ficará à espera de novos tiros nos pés do Livre, enquanto observará o PAN tristemente a reboque da Greta e preocupado com os elefantes do Camboja; a Iniciativa Liberal, por sua vez, sem rei nem roque e os comentadores e cronistas políticos em dores de parto e rasgar de vestes perante a subida em flecha nas intenções de voto no Chega.